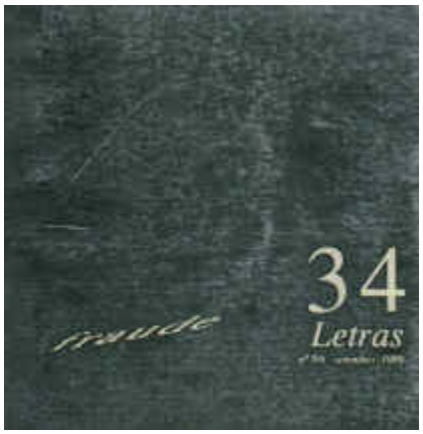
34 LETRAS: PÓS, TRANS, INTER?



Simone Dias[1]

1988. Governo Sarney, um grupo de estudantes da PUC-RJ organiza uma revista em torno da Literatura: *34 Letras*. Sete números da revista circulam. Mescla de temas, de linhagens, de línguas, de gerações, que indicam a diversidade de caminhos para nossa leitura.

Na capa cinza daquele primeiro número, em setembro de 88, um manuscrito atravessado do poeta moderno por excelência, Fernando Pessoa, na pele de um de seus heterônimos — Íbis. No editorial, a proposta de uma revista de literatura que pretende ultrapassar as fronteiras das outras disciplinas. Além da interdisciplinaridade, pretende também ultrapassar as fronteiras do tempo, resgatando "velhos" escritos, fazendo-os circular ao lado dos novos. O próprio nome do periódico já assinala sua pretensão: o número 34 aparece ali como referência ao quadrado *matemágico*, revelado por um obscuro alquimista da Idade Média, no qual a combinação de várias cifras, independente da transversalidade de leitura, possibilita o mesmo resultado: 34. Os vários cenários possíveis para os percursos literários que a revista pretende expor são os ingredientes das diversas maneiras de chegar a 34. As Letras que acompanham o algarismo talvez se refiram ao Curso de onde parece surgir a revista, no qual estudam os diretores responsáveis[2].

Sigamos, então, a leitura desse quadrado *matemágico*. Resultado de um projeto gráfico cuidadoso, a revista tem cara de livro sofisticado. Sofisticação que só se acentuará nos números vindouros do periódico. Uma diagramação caprichada, muitas ilustrações e vinhetas, capas requintadas resultam em um produto de expressiva qualidade gráfica. O supra-sumo deste primor estético aparece refletido no número duplo (5/6), veiculado em setembro de 1989, comemorativo do primeiro aniversário da revista: com capa prateada, exposição de artistas plásticos/gráficos nas galerias das

[1] Bolsista de mestrado — CAPES.
[2] Adriana Guimarães, André Cardoso, Beatriz Bracher, Carlos Irineu W. da Costa e João Guilherme S. Quental são estudantes do Departamento de Letras da PUC-RJ, durante a publicação da *34 Letras*.

"Páginas brancas", intervenções gráficas nos ensaios, e esbanjando variedade de papéis e de cores em suas 432 páginas. Plural nas texturas e nos textos.

Com periodicidade trimestral, *34 Letras* apresenta a seguinte disposição de textos: uma ou duas entrevistas, geralmente com escritores reconhecidos pela crítica, expoentes da literatura, como José Saramago, Antonio Callado, João Cabral de Melo Neto e Augusto de Campos; um grande espaço para as poesias, divididas em "traduções" de nomes que já se incorporaram à tradição, como o caso de e.e.cummings, Emily Dickinson, Ezra Pound, Sylvia Plath, para citar os mais freqüentes, e em "inéditos" (ou "desconhecidos"), onde os brasileiros, como Rubens Figueiredo e alguns dos diretores da revista, para ilustrar os mais recorrentes, ensaiam suas dicções, ao lado de poetas como Armando Freitas Filho, que publica, naquele espaço, poemas inéditos.

Com freqüência tão incidente quanto a da poesia[3], aparecem os ensaios. Caracterizando *34 Letras*, o ensaio figura em duas seções: numa delas, vários autores discorrem sobre uma mesma temática, e na outra, geralmente publicada nas últimas páginas da revista sob a rubrica "Ensaios", os artigos tratam de temas diversos, abordando a sociologia, a arte, o cinema, a filosofia, abrindo espaço para outras disciplinas. A primeira seção de ensaios é determinada pelo tema da revista: a "Crítica" inaugura a seção no primeiro exemplar, enquanto "A obra e o pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht", apesar de não ser apontada como temática do segundo número, pode ser entendida como tal devido ao expressivo espaço dedicado ao autor. A "Tradução" é a temática do volume subseqüente; a "História e Ficção", do quarto número; a "Fraude", do volume duplo 5/6 e "CTRL ENTER", que podemos ler como as inovações tecnológicas, do sétimo e último número. Nesta seção, intercalam-se, como no caso da poesia, os reconhecidos e os inéditos, ou seja, fragmentos de autores consagrados (freqüentemente traduzidos), como Baudelaire, Borges, Valéry, Machado de Assis, e ensaios de colaboradores, geralmente resultados de pesquisas acadêmicas. Sobretudo neste espaço se inserem as colaborações de críticos expressivos da intelectualidade brasileira, dos quais cito Luiz Costa Lima, Flora Süssekind, Silviano Santiago e Wander Melo Miranda. Vale salientar que esta seção, a partir do quarto número, é destacada nas "páginas cinzas" (rubrica da seção em função da mudança de papel) e centrais do periódico.

[3] Nas estatísticas de classificação dos textos, as poesias praticamente empatam em maior freqüência com os ensaios, somando respectivamente 37,3% e 38% do total.

Ainda verificando a disposição da revista, vale a pena olharmos mais atentamente para o quarto número. Um fragmento do delírio de Brás Cubas, de Machado de Assis, escrito em letras verdes sobre um fundo vermelho, dá a impressão de que as letras se embaralham, envolvendo-nos naquele delírio impresso na capa deste mesmo número. A revista surge ainda mais requintada em junho de 1989, com mais páginas, com papéis e cores variadas. As chamadas "Páginas brancas", em papel *couché*, expõem trabalhos de artistas plásticos, e *34 Letras* ganha ares de galeria. O número seguinte (5/6) será, como já se assinalou, a exacerbação deste requinte gráfico e das pretensões de *34 Letras*. Neste número, um dos raros editoriais publicados no periódico expõe os riscos e os objetivos da revista:

> Ainda não encontramos uma "fórmula" que seja capaz de dar conta de toda a diversidade que tentamos veicular. Talvez tal fórmula nem mesmo exista. Contudo, ao longo desse ano foi possível perceber, cada vez mais claramente, uma "obrigação" que tínhamos a cumprir: é impossível, hoje, fazer uma revista de "literatura" sem abrir espaço para outras disciplinas, outros estilos, outras preocupações — as fronteiras entre as diferentes áreas de estudos estão cada vez mais indefiníveis. Essa abertura, que procuramos, se traz as vantagens de uma maior pluralidade nas discussões, traz também alguns riscos. Afinal, na tentativa de criar uma ponte entre linguagens tão diversas, há sempre o risco de acabar construindo uma nova Torre de Babel, cheia de fragmentos de linguagem que jamais se comunicam. Assumimos os riscos, em nome das possibilidades, e enfrentamos dificuldades inesperadas.[4]

Apesar de uma proposta tão ampla, dentro deste projeto cultural democrático e abrangente em que se insere *34 Letras* discute-se, sobretudo, o beco sem saída em que se meteu a literatura. Neste sentido, é possível pensar as temáticas eleitas pela revista como sintomas da necessidade de se repensar a literatura no cenário pós-moderno, e sua conseqüente opção pelo literário: o papel da crítica, a tradução, o pastiche, a fraude, a tecnologia, os limites do real e do fictício.

O apoio cultural e financeiro de várias empresas, calcadas nos benefícios da "lei Sarney", foi o incentivo que viabilizou a revista *34 Letras*. Além desta afirmação, poder-se-ia arriscar outra: estamos diante de uma revista acadêmica. O enunciado não se baseia apenas no tom ensaístico que prepondera no periódico, nem somente no conselho diretivo formado por estudantes (na maioria, do curso de Letras) da PUC–RJ, mas sustenta-se, por exemplo, na observação dos autores que mais freqüentemente publicaram textos neste veículo. As presenças mais recorrentes foram as do filósofo Eric Alliez (na época, professor convidado na UERJ), do jovem escritor Rubens

[4] *34 Letras*, "Editorial", n. 5/6, p. 11.

Figueiredo, seguidas pelas colaborações do professor da PUC-RJ Luiz Costa Lima, e dos graduandos da mesma universidade Carlos Irineu da Costa e João Guilherme Quental. Deste quadro, parece-me pertinente fazer alguns apontamentos, indicativos do perfil da revista. Os dois nomes mais citados já demonstram uma das premissas do periódico: reunir escritores "novos" e "consagrados", lado a lado, na tentativa de borrar as diferenças de "status" do campo. No caso, respectivamente temos o escritor Rubens Figueiredo[5] e o filósofo Eric Alliez. Outro dado relevante é a presença incisiva de artigos de professores, graduandos e graduados da PUC, e de algumas outras universidades, o que fornece um caráter fortemente acadêmico ao periódico.

O sétimo (e último) número da revista dá sinais da crise que impossibilitaria a sua subsistência. A razão da crise, que faz com que o periódico divulgue uma campanha de arrecadação de fundos, visando assegurar a periodicidade durante o ano de 1990, é a indefinição da política econômica e fiscal do governo Collor, que apenas iniciava seu breve mandato. Apesar da indefinição, uma das primeiras medidas é a revogação da lei n. 7505/86, a popular "lei Sarney", que através de seus benefícios incentivava as empresas privadas a bancar projetos culturais, como o caso de *34 Letras*. Sabe-se, no entanto, que o incentivo vinha em troca da dedução de impostos para essas empresas, o que dá um caráter público ao financiamento. Assim como a lei, a revista também é extinta, deixando de circular. Percebe-se, então, que a execução do projeto só foi possível devido ao apoio privado — público, que financeiramente o viabilizou, e que não havia sustentação através do mercado.

Constata-se que a maior parte dos múltiplos enunciados do periódico provém de textos acadêmicos, cujos autores, como já foi enfatizado, são professores e estudantes de diversas universidades. Nesse sentido, não em função da aprovação do orçamento, mas decorrente da proveniência dos textos, é pertinente considerarmos *34 Letras* uma revista institucional, ainda que isenta do caráter oficial. O disfarce "não-comercial e não-institucional" é, também, uma "fraude" para com o leitor.

Parece-me pertinente apontar aqui para outra característica da revista: o amplo espaço destinado às traduções. Se a década de 70 é marcada por uma tímida presença de traduções nos periódicos, o quadro se apresenta distinto nos fins da década de 80, quando o processo de universalização, que desembocará na "globalização", se

[5] Coincidentemente, é ele quem representa o "novo" num diálogo com o "consagrado" Antonio Callado, publicado no n. 2 de *34 Letras*.

intensifica. A plural *34 Letras* é emblemática para assinalar esta passagem, já que tem 30% dos textos traduzidos[6].

A presença acentuada da tradução no periódico oferece duas perspectivas distintas bem evidentes. A contundente representação e o exercício freqüente da teoria da "transcriação", proposta por Augusto e Haroldo de Campos, é uma delas. Promovendo um festival de re-leituras de vasto e fértil material, poder-se-ia dizer que o paideuma dos concretos é re-transcriado nas páginas da revista, sobretudo pelas mãos dos epígonos da linhagem concretista. A prática funciona também para fornecer à revista um certo respaldo e legitimidade, na publicação de nomes já consagrados pela crítica e na veiculação de textos, por vezes ainda desconhecidos. A regularidade de textos traduzidos pode ser lida como indício de que a revista é pautada pela busca da diversidade ("não só 'disciplinar', mas também de nacionalidades")[7], pretendendo, assim, dar conta da pluralidade de pontos de vista e assuntos.

Nessa conjunção, a tradução se vincularia a uma determinada preocupação, sublinhada por Sebastião Uchoa Leite, ao tratar dos concretos:

> esta preocupação com a tradução está ligada neles à preocupação com o pensamento mais planetário, um pensamento que não fique encarquilhado dentro de uma visão nacionalista estreita.[8]

É oportuno o comentário do poeta, visto que a análise dos autores traduzidos no periódico demonstra a incisiva presença de alguns representantes do "paideuma" dos concretos: e.e.cummings, Emily Dickinson, Ezra Pound. Além deste aspecto, outra preocupação é enfatizada por Uchoa Leite, e também tem seus desdobramentos na revista:

> eu diria que há uma outra preocupação também, (...) que é glosada justamente por Walter Benjamin, a da terceira língua. Daquela língua que não é nem a sua língua nem a língua do outro código que você está querendo transpor para o seu. (...) E portanto você quer é estar num terreno não definido, ainda não mapeado.

[6] Vale acrescentar que os poemas são apresentados na língua de origem e traduzidos.
[7] *34 Letras*, n. 5/6, p. 11.
[8] "Sebastião Uchoa Leite", *34 Letras*, n. 7, p. 38.

Esta preocupação, delineada em "A tarefa do tradutor", não pode ser descartada. Pelo contrário, é imperativa nos ensaios que abordam a questão da tradução, e perceptível na proposta da revista.

No entanto, vale enfatizar também uma observação que tem como locutor Rubens Figueiredo, que ativamente participou da teia narrativa de *34 Letras*, ao abordar o papel da literatura e da crítica contemporâneas:

> Divertir, comover, traduzir. Não é difícil publicar traduções. Os originais afinal já foram selecionados por editores que cumpriram suas funções profissionais. E é ainda mais fácil comentar na imprensa livros traduzidos. Seus editores, por mais recentes, já estão perfeitamente avaliados, analisados, enquadrados, por críticos que, em seus países, exerceram o seu ofício com o risco e a responsabilidade que lhes cabe. Idéias literárias novas provêm de obras novas. (...) Que insípida infantilidade o sonho de ir para o jornal escrever Joyce, Kafka, Proust.[9]

Se, por um lado, a crença na realidade, na autenticidade e na originalidade parecem deslocadas na "pós-estruturalista" *34 Letras*, por outro, não podemos esquecer que tratamos de uma das presenças mais recorrentes na revista. Cabe, deste modo, questionarmos, a partir da auto-crítica publicada, o regime de tensão que parece funcionar no periódico, entre a perspectiva nacionalista e a internacionalização pós-estruturalista. Figuram, lado a lado, a defesa, pouco consistente, do espaço para o nacional, como no caso em que Rubens Figueiredo parece propor a publicação de "obras novas" (porque brasileiras?), em detrimento da "infantilidade" das traduções, cujos originais já foram devidamente "avaliados" e consagrados, e a própria crítica ao estabelecimento de fronteiras, proposta explícita da 34.

Desta primeira leitura de *34 Letras*, deriva outro índice que merece ser destacado: o de autor citado. Este índice nos fornece, quantitativamente, as referências mais regulares nos artigos do periódico. Vejamos, então, os seis mais freqüentes em 34: Walter Benjamin, Paul Valéry, Jorge Luis Borges, James Joyce, Martin Heidegger e Michel Foucault. Neste panthéon encontramos os autores de textos que questionam a história, a verdade, o romance, a língua, o ser, o tempo, o poder, como sistemas totalizantes. Seus escritos proporcionam a emergência, poderíamos dizer, de uma nova ordem (senão da própria desordem) do discurso. Os fragmentos, os aforismas, as ficções, os questionamentos contundentes desses escritores modernos são emblemáticos para ilustrar a derrubada de fronteiras, realizada por seus textos, pretendida por *34*

[9] "O escritor e o crítico na vida real", *34 Letras*, n. 1, p. 50.

Letras. Poder-se-ia objetar ainda que, se tomamos estes dados para pensar a questão da tradução, a presença dos três teóricos e dos três escritores só vem legitimar o apagamento das fronteiras lingüísticas. Instaura-se a corrosão dos pilares nacionalistas.

Chega-se, assim, ao seguinte questionamento: até que ponto a estratégia de mercado da revista funciona como legitimadora da perspectiva pós-estruturalista e da estética do "trans"? É certo que alguns princípios estéticos divulgados pelo periódico apontam nessa direção, e são indicativos do panthéon que seria posteriormente publicado pela Editora 34, mas se faz necessária uma análise mais profunda para responder a questão. Portando uma roupagem e uma dicção *telquelista*, mas incorporando tendências e linhagens diversas, adotando como lema a pluralidade e a transdisciplinaridade, vale a pena verificar as superfícies e profundidades desta teia narrativa que ora é delírio, ora é poema, ora é uma tela, ora é espelho.